



WWW.BENDICUBA.COM

6

A VIDA COMO ELA É

Nelson Rodrigues nasceu no Brasil, mas teria se dado muito bem em Cuba, onde haveria encontrado matéria riquíssima para suas crônicas.

Essa ideia me veio à cabeça, porque resolvemos caminhar pela Calle Neptuno, considerada uma importante artéria do que se denomina Centro Habana, que compõe o setor a oeste de Habana Vieja. Foi a área da cidade ocupada após a derrubada da muralha que, no período colonial, em sua primeira fase, foi importante para resguardar o domínio espanhol sobre a ilha, visto que os ingleses fizeram mais de uma tentativa de tomar poder sobre esse território.

Nesse setor da cidade, muito do urbanismo, expresso na paisagem urbana, já reflete clara orientação européia, com vias mais largas como as que margeiam El Prado, uma espécie de *boulevard* ainda, hoje, muito apreciado pelos cubanos.



O canteiro central de El Prado, num dia de domingo, apropriado intensamente pelos moradores de Havana

No restante do setor Centro Habana, predomina um plano viário ortogonal com ruas mais estreitas e uma tipologia arquitetônica bem definida. A Calle Neptuno é uma dessas vias.

Suas calçadas não têm mais que um metro de largura. As edificações, provavelmente do século XIX, ocupam, na parte frontal, até ao limite do lote, com porta diretamente dando na calçada. Umas têm dois pavimentos, outras três e algumas coisas chamam atenção, à medida que percorremos essa rua.

Primeiramente, o tamanho do patrimônio arquitetônico que há em Havana, anterior ao período revolucionário, mostrando que, nesta pequena ilha, já correu muito dinheiro. As construções têm pé direito alto, muitas têm um andar intermediário, entre o térreo e primeiro pavimento, onde habitavam os empregados. Os gradis de ferro fundido que adornam as varandas são bonitos. As grandes portas de madeira, estreitas e altas, são bem entalhadas e estão lá há mais de cem anos. As escadas, que entrevejo pelas portas abertas e que levam ao pavimento superior ao térreo, são sempre de mármore ou granito, muitas paredes estão revestidas com ladrilhos bonitos e há vitrais coloridos encimando as portas altas.

Este testemunho de um período de abundância e concentração de riqueza contrasta com o péssimo estado de conservação em que se encontram essas construções, mal tratadas pelo tempo e pelo uso intenso porque, hoje, nelas habitam mais de uma família e, nas portas, estão pequenas bancas onde se realiza algum tipo de comércio. Numa delas, por exemplo, vi que se vendiam brincos coloridos de plástico e pequenos cotovelos de encanamento já usados.

É incrível como a falta de produção industrial gera a escassez de mercadorias bem simples, como um cotovelo para unir dois pedaços de cano. Uma lata de tinta ou um pacote de cimento, explicou-nos Eduardo, é muito caro para um cubano.

É esta escassez que ajuda a entender porque, por todo lado (nas varandas das residências, nas entradas junto às escadas etc), há um mundo de quinquilharias guardadas – um pedaço de grade velha, uma cadeira sem uma das pernas, pedaços de plástico usado, caixas vazias – como se, a qualquer momento, eles pudessem necessitar desses materiais usados para alguma nova função.



Vê-se, na foto ao lado, que, além dos dois pavimentos originais da construção, foi erguido algo provisório do terceiro piso desta edificação da Calle Neptuno.

Também, é freqüente observar-se que, apenas um piso foi recuperado, como parece ser o caso do segundo piso. A porta que dá acesso a ele, a da esquerda, está envernizada e contrasta com a da direita.



Acima, uma das edificações antigas da Calle Neptuno, hoje ocupada por mais de uma família. Abaixo, outra vista da rua com um prédio mais recente convivendo com as construções já degradadas pelo tempo.





Nesta foto, vê-se bem o uso intenso que a varanda dessa edificação tem. Deve ter sido, no passado, ocupada por uma família e parece que, hoje, é compartilhada por mais de uma

Há muita gente, na Calle Neptuno, parada nas portas das casas, apesar da chuva fina que cai, tornando as ruas e calçadas mal pavimentadas cheias de água suja acumulada, que insiste em entrar pelas minhas sandálias, apesar de meus cuidados assépticos. Quem sai na chuva é para se molhar, eu conheço esse ditado, mas esperava viver isso apenas como uma metáfora, e não tão literalmente, ao me propor a conhecer a *calle* famosa,

Tenho vontade de fotografar tudo, sobretudo esses rostos que estão observando a rua como se dela dependesse suas próprias vidas, como se não lhes fosse possível sobreviver nas salinhas escuras e pouco mobiliadas, que antevejo pelas portas abertas, como se todaS as oportunidades dependessem de espreitar o mundo e encontrar, na hora certa, a oportunidade por menor que ela seja.

A maioria dos moradores dessas edificações degradadas é composta de negros e mulatos, mostrando que, apesar da revolução, o passado colonial escravocrata finca suas raízes no presente socialista e mostra, profundamente, as contradições entre cultura e política, pois se a proposta política socialista sonha com a igualdade, a herança cultural colonial reproduz as diferenças. Em outras palavras, a Calle Neptuno nos deixa ver a vida como ela é: nua e crua.

Os cubanos parecem conhecer bem como se contorna cada pedra que se antepõe no caminho. É preciso, se isso for possível, ganhar algum trocado, além dos salários que são baixos. É preciso, se isso for possível, comprar um pouco mais barato nos armazéns estatais. É preciso, se isso for possível, sair um pouco mais cedo do trabalho e driblar o grande empregador – o Estado. É preciso, se isso for possível, ter um pouco mais de rum para beber no final da tarde. É preciso, se isso for possível, arrumar uma carona, porque o transporte público está horrível. É preciso, e isso sempre é possível, aproveitar para cantar e dançar, porque apesar das dificuldades, a vida vale a pena!

É impressionante como os cubanos sorriem, como se mostrassem a nós que a penúria lhes ajuda a distinguir, mais facilmente, o que é essencial do que é secundário.

Perguntei, mais tarde, ao motorista de táxi, se havia muita gente desempregada em Cuba, e ele respondeu: “De modo algum”. Depois, precisou mais sua resposta, informando que há gente que prefere não pegar os empregos disponíveis, porque se ganha pouco, na maior parte deles. Percebendo nossa curiosidade, ele continuou elaborando mais sua resposta e explicou que, em Cuba, a sociedade avançou mais que a economia, o que significa que muitos (todos que querem) podem chegar à universidade e concluí-la, mas não necessariamente trabalharão nessas profissões para as quais se formaram. Há engenheiros e professores que estão em serviços de limpeza ou de construção civil. O fato de que um motorista de táxi sabia dar tantas

explicações e não apenas fazer referência a fatos, já me pareceu uma indicação da veracidade de suas teses sobre os cubanos e o trabalho, pois ele demonstrou ter um discurso articulado e boa capacidade de análise do contexto em que se insere.

Observar tanta gente na Rua Neptuno, aparentando uma situação de carência material, me fez insistir com Eduardo sobre a confirmação de minhas hipóteses sobre a estratificação social em Cuba e ele considera que elas eram, de fato, plausíveis. Há sim estratos sociais neste país e, grosso modo, eles se comporiam, segundo quatro situações diferentes que podem, inclusive, combinar-se entre si:

a) os mais pobres que, no momento da revolução, nada tinham e puderam melhorar suas condições de vida do ponto de vista educacional, cultural e de saúde, têm emprego, ganham muito pouco e têm as piores condições de moradia, ou porque habitam edificações antigas, hoje compartilhadas coletivamente, ou porque estão assentados nos bairros mais distantes construídos depois da revolução que se parecem com os que resultam dos programas habitacionais no Brasil;

b) os que herdaram propriedades e têm hoje, se elas estão nas cidades, condições de moradia melhor, em imóveis bem construídos, mais espaçosos e melhor localizados, e, se elas são rurais, têm como retirar delas alguma forma de ganho complementar aos salários;

c) os que ganham seus salários em pesos cubanos, mas estão em profissões que, nas duas últimas décadas, estão sendo consideradas estratégicas, razão pela qual eles obtêm complementações, na forma de gorjetas, como é o caso das profissões associadas ao turismo, ou na forma de suplementação salarial dada pelo Estado, como estímulo, em profissões consideradas estratégias. São os médicos ou arquitetos que estão trabalhando em recuperação do patrimônio, para dar alguns exemplos e, nas duas situações, o que se ganha a mais é em C.U.C.;

d) os que têm parentes trabalhando no exterior e recebem as remessas enviadas por eles, hoje autorizadas pelo Estado, o que lhes garante um nível de vida muito superior ao médio cubano, o que causa certo mal estar, porque, segundo Eduardo, são, muitas vezes, gente “sem nível universitário”, ou seja, em Cuba, aceita-se que um profissional de valor ganhe mais, mas não se vê com bons olhos que gente “sem educação”, nas palavras dele, estejam usufruindo de tanto conforto. Há uma broma em torno dessas famílias, os cubanos dizem que são os que têm “fé”, ou seja, “família no estrangeiro”.

A estratificação social aparece com toda evidência, também quando se nota as estratégias do Estado para ampliar a captação de recursos internacionais. Circulam no país, o peso cubano e o C.U.C. (Cuban Urgent Currency). O peso cubano, quando comparado ao valor do dólar ou do C.U.C, vale muito pouco: com um C.U.C. pode-se comprar 25 pesos cubanos. Um professor universitário ganha algo, em pesos cubanos, que corresponde a cerca de 30 dólares ao mês. É ridículo, mas com essa moeda que, em todos os lugares, os cubanos chamam de a “moneda nacional” pode-se comprar muitas coisas, nos armazéns e lojas estatais, nas quais os estrangeiros não têm direito de adquirir nada em moeda nacional, porque todos os produtos são subsidiados.

Os turistas, por sua vez, e mesmo estrangeiros que estejam no país a trabalho, têm que fazer suas compras em C.U.C. (eles não lêem cuc, mas sim cêucê), cuja cotação aproxima-se do dólar americano, pois um C.U.C, vale 0,96 a 0,98 de dólar. Nas portas dos bares, lojas e restaurantes há pequenos avisos informando se, os pagamentos são em “moneda nacional” ou em “C.U.C.”.

O que isso tem a ver com estratificação social? Tudo, porque há, primeiro duas categorias de gente – os cubanos e os estrangeiros – e os primeiros verão os segundo como uma fonte de obter C.U.C. o que é compreensível, e assim, ampliar um pouco sua capacidade de consumo, porque nas casas de câmbio (chamadas CADECAs) pode-se

trocar livremente o C.U.C. pelo peso, mas não se pode fazer o inverso, ou seja, estrangeiros com C.U.C. não podem adquirir peso cubano.

De outro, há dois tipos de cubanos: os que têm apenas pesos cubanos e vão viver com certa penúria material, apesar das boas condições de vida educacional, cultural e de saúde; os que complementam sua renda com C.U.C. porque estão nas profissões estratégicas ou porque têm parentes no exterior.

Eduardo explicou que muitos professores universitários, nos últimos anos, abandonaram a universidade para trabalhar nas profissões associadas ao turismo. Ele mesmo tem uma amiga, com doutorado, que hoje trabalha num dos grandes hotéis de turismo em Havana.

O mais difícil de entender e aceitar é que um cubano, andando conosco, é obrigado a pagar em C.U.C., porque se hospeda em hotéis, cujos preços estão nessa moeda e come nos restaurantes que são também voltados para os estrangeiros. Lamentavelmente, em certos ambientes que são voltados para os cubanos, por exemplo, os *paladares* que estão instalados em casas de família ou pequenos barzinhos e servem comida cubana, quando recebem estrangeiros cobram em C.U.C., o mesmo ocorrendo com quem aluga quartos em suas casas, sem autorização estatal.

Tudo isso me ajuda a entender, porque têm tanta gente nas portas das casas na Calle Neptuno. Estão à espera de uma pequena oportunidade: vender uma quinquilharia para um estrangeiro, realizar um pequeno serviço de guia, oferecer transporte em suas "*máquinas de alquiler*", que são carros antigos que servem de transporte coletivo para os cubanos, como os antigos 'lotações', que havia em São Paulo quando eu era criança. Qualquer dinheiro que entre em C.U.C. é muito, comparativamente ao que ganham em pesos cubanos e, assim, vale a pena esperar horas para acontecer alguma coisa.

As roupas que vestem os moradores da Calle Neptuno são mais exageradas ainda do que as muito coloridas, que já havia observado em Habana Vieja. Não há regras que caibam em meu senso estético e logo entendo que o visual cubano é orientado por outros critérios: - o que se herdou da estética europeia da década de 1950 (cabelos penteados com coques exagerados, sapatos altos, meias rendadas), quase uma estética de cabaré; - o que a alma alegre e cantante do cubano aprecia, com suas raízes africanas, o que significa muitas cores e não tons da mesma cor; - o que é preciso usar para suportar as temperaturas altíssimas do verão, saias curtas, blusas de frente única ou tomara que caia, além da preferência nacional das mulheres que é o short; e, ao final, o mais importante - o que se pode comprar com o dinheiro que se tem.

Por isso, observo na Calle Neptuno que as mulheres estão com roupas sumárias, que as cores nem sempre se harmonizam, que as mais velhas já não usam soutien e as mais novas os usam, mas eles nem sempre se adequam à peça de roupa que vestem. Assim, há as que estão de blusa de frente única amarela e estão com soutien preto por baixo com as alças gritantemente aparecendo...

O melhor da Calle Neptuno são as esquinas onde estão as unidades da Companhia Cubana de Pan. O perfume do pão quentinho e os cubanos que saem com as sacolas com 3 ou 4 grandes filões, mostram que esse, como outros alimentos, são subsidiados e são, por isso, importantes na dieta do país.

A chuva continua a cair na Calle Neptuno e passamos para a paralela a ela - Calle Concórdia - à procura do Restaurante La Guarida, um dos indicados pelo Guia Visual. A aparência de penúria das edificações e das pessoas se amplia ainda mais nesta rua e parece difícil que haja ali um bom restaurante. Apesar dessa aparência, há imóveis em que se vê a placa, indicando que estão cadastrados para oferecer hospedagem a estrangeiros, como mostra uma das fotos.



Uma cubana
admirando a vitrine
onde se expunham
roupas infantis.

Abaixo, uma cubana
com os cabelos
suspensos pelo laquê,
protegendo-se, sob a
fachada, da chuva que
cai na Calle Neptuno.



Essa autorização lhes possibilita cobrar em C.U.C., devendo recolher impostos sobre o recebido para o Estado. Esta é uma das atividades

que vêm se ampliando e são, em Cuba, classificadas como *cuenta propistas*.



Placa anunciando hospedagem em casa particular na Calle Concórdia, em Havana

Quando, finalmente, chegamos ao número indicado, o que se vê é um grande portão velho que se abre para um pequeno pátio interno, onde um rapaz indica que devemos tomar uma antiga escada de mármore para chegar ao La Guarida, que está no terceiro piso.

Passamos pelos andares intermediários, onde há habitações coletivas, roupa estendidas no que, antes, foram avarandados dessa bonita edificação, vidros quebrados e gente que espreita os estrangeiros que passam.

O perfume que exalava do restaurante não deixa dúvida aos que procuram sua entrada. Assim que a porta se abre, encontramos o que os franceses chamariam de um “*endroit exotique*”.

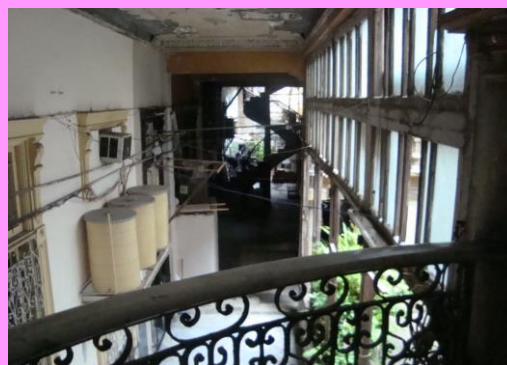
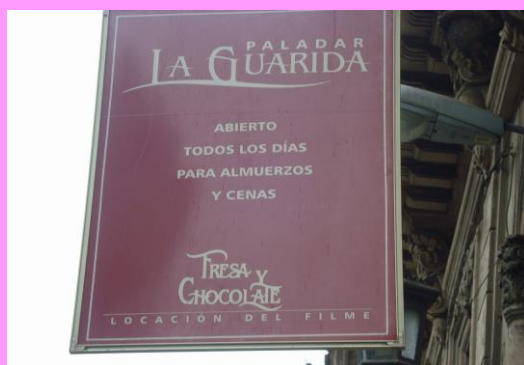
La Guarida é, de fato, classificada na categoria “paladares”. Os restaurantes pertencem ao Estado. Mais recentemente, não sei precisar há quantos anos, está sendo autorizado que famílias abram negócios para alimentação desde que tenham até 12 mesas e sejam administradas pela família, também como parte de ampliação das atividades de *cuenta propistas*.

O ambiente está todo decorado com móveis antigos e peças de todo tipo, desde uma velha pia branca, enfeitada com uma máquina fotográfica da primeira metade do século XX, até fotos de Marilyn Monroe e Marlon Brando, passando por uma estátua de Jesus e o poster do famoso filme cubano Morango e Chocolate (*Fresa y Chocolate*), que teve uma das cenas filmadas neste restaurante.

Escolhemos uma mesa na sala ao fundo, o cardápio não era variadíssimo, mas quando a comida chega e, mais tarde, a sobremesa, logo vemos que valeu a pena procurar por esse lugar. Os sons que aí ouvimos nos falam das línguas de todo o mundo e fiquei triste de ver que, ali, os cubanos só estavam para nos servir.

Retornamos à rua, a chuva continua e lá vamos nós ao Museu de Belas Artes. Embora o guia indicasse que ele se fecharia às 18h, eram 16h20 e eles já avisavam que não venderiam mais entradas porque às 17h o serviço terminaria.

Enfim, aqui uma das mazelas decorrentes de que tudo funciona sob comando do Estado, e que os “empleados estatales” (eles não usam a expressão funcionários públicos como nós) não estão sempre empenhados em atingir eficácia com seus serviços.



Acima, a indicação de La Guarida e um dos corredores do segundo andar da edificação, onde se vê as caixas d'água de diferentes habitações que compartilhem esse espaço. Abaixo, algumas imagens do ambiente do "paladar"



O prédio é bonito, a coleção de pôsteres na lojinha do museu indica que a visita valerá a pena e ficamos de voltar outro dia. Espero que não esteja chovendo

Voltar ao Habana Libre Trip, o hotel em que estamos hospedados, foi um alívio, porque meus pés estavam nua e cruamente plenos de La Calle Neptuno e precisavam de água quente e sabonete cheiroso. À medida que esfrego os pés, fico pensando como Nelson Rodrigues descreveria o que havia, atrás das paredes daquela *calle*, em minha tarde em Havana.

Junho de 2011

Carminha Beltrão